

JORNALISMO EM AGONIA

Leovegildo Pereira Leal

Jornalista, professor e coordenador do curso de
Comunicação Social da FCH-Fumec, mestre em
História pela UFF e doutor em Sociologia pela USP

Em seu ensaio “Educação após Auschwitz”, Adorno alertava que a barbárie já então era mais que uma ameaça:

*“A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ele levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita **no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas.**” (Adorno, 1995: 119) (grifo nosso)*

É certo que nas sociedades divididas em classes tal “estado de consciência ou de inconsciência das pessoas” não se origina apenas – nem principalmente – nos elementos da consciência propriamente ditos, mas, sim, nas determinações das contradições fundamentais destas sociedades expressas pelas lutas de classes, por sua vez determinadas em última instância por interesses articulados em torno de fatores materiais. Mas é certo também que, venha de onde vier, é a consciência que determina de forma imediata o conteúdo das ações coletivas ou individuais dos homens. O conceito de mediatização da cultura, como formulado pelo próprio Adorno em parceria com Horkheimer e desenvolvido por Thompson, remete para os meios de comunicação de massa como locus privilegiado de produção de consciência de massa, inclusive de saberes sociais de natureza classista relativos ao exercício, manutenção ou modificação do poder, que, agrupados sob a denominação de ideologia, garantem a reprodução cotidiana da sociedade no nível da superestrutura.

O refletir coletivo sobre os fatos relevantes do cotidiano – fatos que viriam a ser chamados de jornalísticos, fatos capazes de, pela complexidade de suas determinações, fornecer lições de comportamento – passa a constituir no advento do processo civilizatório elemento construtor do tecido ideológico, desempenhando assim o papel semelhante ao da adoção consensual da narrativa mitológica nas sociedades da barbárie, com a diferença de que agora, na era inaugurada pelas civilizações, a força cede lugar à idéia na reprodução cotidiana da sociabilidade.

A existência, pois, de uma sociabilidade ideologicamente aliçada tipifica a estruturação das sociedades humanas desde o advento do estágio civilizatório, no qual a própria escravidão era ideo-

logizada – leia-se: legitimada – por fundamentos mitológicos herdados e devidamente adaptados ao seu tempo. Por suposto, nenhuma sociedade dividida em classes dispensa a força como elemento estruturante, nem mesmo a mais democrática das sociedades da modernidade, mas constitui elemento característico das sociedades pós-civilizatórias o recurso à ideologia como uma espécie de cimento da estrutura social. Assim, por contraste, não será imprópria a identificação de processos sócio-históricos progressivamente fundados na principalidade do recurso à força com trilhas traçadas em direção à barbárie/selvageria.

Está fora de discussão, pelo menos estamos convencidos disso, a natureza material deste processo histórico. Ou seja, é o desenvolvimento dialético das forças produtivas e das relações de produção que determinaram o advento da idéia ou, como os tempos parecem anunciar, podem determinar o retorno à principalidade da força, da anomia, à barbárie. Enfim, toma-se aqui neste alinhamento de idéias e reflexões como pressuposto metodológico a determinação, em última instância, do ideológico pelo econômico. Dito isso, torna-se promissora a linha de investigação que, em paráfrase à formulação de Adorno/Horkheimer, busque a dialética da hipótese do retorno a uma barbárie muitas vezes anunciada. Falar em retorno constitui, rigorosamente, recurso de linguagem, já que de há muito se sabe que a História não se repete. Os elementos constitutivos dos novos tempos de anomia que podem advir do quadro social atual – destes tempos de coroamento do ciclo de instalação do imperialismo, a que alguns teimam em chamar de globalização e outros, mais propriamente, denominam neoliberalismo – podem apenas ser perfilados, traçados em seus contornos mais gerais, a partir da evocação do exemplo passado – dos fantasmas de que falou Marx – somado aos elementos do presente.

Na investigação da dialética da razão, constata-se sua emergência no momento exato em que as classes dominantes dela necessitam para cimentar sua dominação, seus privilégios. O iluminismo humanista, a razão esclarecida da contemporaneidade, refinada, cresceu e avançou no interior de uma necessidade histórica instalada pelo capital. O capital, para sua própria reprodução, precisou do desenvolvimento da ciência e da arte. E precisou também da mais ampla circulação da informação, esta como matéria-prima das construções ideológicas estruturantes do sistema. Pergunta-se: o capitalismo precisa hoje da informação? Da notícia? Do jornalismo? Mais que isso, o capitalismo precisa da ideologia?

O bombardeio do hotel que abrigava em Bagdá os correspondentes de guerra, e nos termos específicos em que ocorreu, pode estar indicando que o capitalismo, em sua lógica atual em direção ao uso exclusivo da força, não precisa mais da informação, não precisa mais de jornalistas. Não precisa de ideologia. Só precisa de espada, pão e circo. Especificando: os aviões da esquadrilha anglo-americana bombardearam aberta e propositadamente o hotel que hospedava os correspondentes de guerra durante a última invasão imperialista sofrida pelo Iraque. É preciso destacar que os agressores, ao contrário do ocorrido em ocasiões semelhantes no passado recente ou remoto, fizeram questão de bradar aos quatro cantos que tais bombardeios caracterizavam ações punitivas contra os que julgavam constituir um posicionamento da mídia contra os interesses do consórcio Bush-Blair.

Guerra de informação? A não ser em termos estritamente militares, isto parece haver ficado para trás na poeira dos tempos. Já não faz parte da lógica do grande capital imperialista a preocupação em justificar ideologicamente o que o sistema faz ou deixa de fazer. É este o recado inscrito nas bombas e mísseis despejados pelo rancheiro do Texas. Para desgosto dos cultivadores da boa palavra, já não possui chão a asserção segundo a qual a 'primeira vítima da guerra é a verdade'. A verdade simplesmente não está mais em jogo nas guerras. A verdade não está mais em jogo. A verdade deixou de ter relevância. E tomada a verdade em seu sentido lógico-elementar de adequação do anúncio do fato ao fato anunciado, já não haverá lugar para o anúncio do fato enquanto estruturação discursiva. A reportagem, enquanto busca das raízes da verdade, já não tem razão de ser. O jornalismo perde a razão de ser. O que sobra? A espetacularização do fato.

MORRE O INTERESSE PELA VERDADE

A princípio, é de causar estranheza o estrondoso silêncio da mídia – grande, pequena e média – a respeito do bombardeio do hotel dos jornalistas em Bagdá. Em outras ocasiões, estaríamos no mínimo diante de uma pauta de escândalo. Agora, silêncio. Por quê? Duas razões se sobrepõem e se completam: exaustão e convivência. Por alguma espécie de intuição, por algum tipo de percepção não plenamente configurada aos próprios sentidos, os jornalistas sentem que a mina se esgotou: o ouro-verdade já não existe mais, não mais interessa a ninguém, virou ouro-de-tolo. O santo graal, o cálice sagrado da cruzada jornalística – a verdade –, foi corroído pela ação do tempo, pe-

lo advento de um tempo da idolatria do efêmero, pelo gozo do circo da mercadoria cultural, pelo espetáculo que tomou o lugar da vida. A verdade, outrora instrumento de ação do sujeito, dá lugar ao espetáculo que faz do sujeito mero espectador. Mostra-se ou se relata a situação de uma família ceifada da maioria de seus membros apenas para que sonolentos espectadores ou leitores cansados exerçam esta espécie de solidariedade de *voyer*, um tipo de solidariedade passiva, falsa e inconseqüente, exercida no máximo pela caridade barata da doação de uma roupa velha ou de ‘um quilo de alimento não perecível’. E a convivência? Dela falemos pouco: vem dos donos da grande mídia e de seus agentes diretos incrustados nas redações e agências. O que interessa é ganhar dinheiro. Como uma atividade econômica qualquer. É disso que se fala quando se fala de mercantilização da cultura, de indústria cultural.

Interessa mais insistir na dialética do obscurantismo, na identificação deste tempo de desumanização. É consensual a verificação de que a dispensa do iluminismo pela lógica do capital ocorre quando este – mais ou menos em meados da segunda década do século XIX – ingressa na era imperialista, superando o *logos* da individualidade que sustentava a ideologia do capitalismo concorrencial. Superada a concorrência, não havia mais lugar para a lógica da disputa individual, da ideologia do *self-made man*, que sobrevive apenas como herança cultural. Mas é preciso enfatizar que a instalação da era imperialista não se faz da noite para o dia, de forma isenta de contradições, de obstáculos. A própria implantação do capitalismo industrial concorrencial não terá sido um processo de duração menor que duzentos anos. Isso, portanto, a que os conservadores chamam de ‘globalização’ não é mais que a etapa histórica de conclusão do processo de implantação do imperialismo capitalista. Repita-se: e o que o imperialismo tem de específico frente à forma concorrencial, liberal, do capital é a instalação da força como fator direto da sua reprodutibilidade cotidiana, invertida assim a equação da dominação no capital concorrencial.

Ao imperialismo, pois, interessa propagandar a força, divulgar a brutalidade, enaltecer a irracionalidade. É nesta seara movediça do obscurantismo que são cevados os monstros da alienação, do descompromisso, do individualismo, muitas vezes disfarçados de suntuosos sistemas filosóficos. É nesta seara que crescem as estapafúrdias – por carentes de fundamentos científicos – teses do “fim da história”, do “esgotamento das grandes narrativas”, do “fim das ideologias” e infantilismos semelhantes. No fundo, enquanto método, o ve-

lho relativismo, que tudo comporta e tudo justifica, acompanhado de um certo comodismo oportunista, travestido de um nihilismo esno-be que, a um olhar mais atento, não consegue esconder mais que im-potência, frustração e melancolia.

São muitas as referências na teoria da comunicação, entre os ditos comunicólogos portanto, ao advento da sociedade do espetáculo, da espetacularização da vida. Até mesmo autores não propriamente iden-tificados com uma ideologia transformadora, crítica, como Neal Ga-bler, vêem o fenômeno:

“Não é preciso olhar além dos noticiários diários para perceber o quanto isso é verdade hoje em dia. Não se trata de minimizar os excessos da imprensa barata, da imprensa marrom e dos tablôides para admitir que nos quarenta anos que nos separam do ensaio de Roth o noticiário tenha se tornado um fluxo constante daquilo que poderíamos chamar de ‘lifies’ – uma fusão entre ‘life’ e ‘movie’, ou seja, entre vida e filme – inseridos no veículo vida, projetados na tela da vida e exibidos pela mídia tradicional, cada vez mais de-pendente do veículo vida. O julgamento do ex-astro do futebol ame-ricano O.J.Simpson, a vida e a morte de Diana, princesa de Ga-les, a interminável novela fornecida pelas peripécias de Elizabeth Taylor ou pela apresentadora de televisão Oprah Winfrey ... – são esses os novos sucessos de bilheteria que ocupam as mídias tradicio-nais e dominam as conversas nacionais por semanas, às vezes me-ses ou até anos a fio, ao passo que o entretenimento comum desa-parece rapidamente de cena.” “Cada vez mais as pessoas encara-vam a própria vida como entretenimento e a consciência disso se-ria incentivada e induzida pelas novas tecnologias, que fizeram pelo indivíduo o que os outros meios de comunicação de massa ha-viam feito pelas celebridades.” (Gabler, 1999:13-222)

Não basta, contudo, que o fenômeno seja identificado, visto. Em certas circunstâncias, muitíssimo mais numerosas do que uma ima-ginação mais benevolente e desatenta pode supor, a identificação do fenômeno é saudada como a descoberta de um promissor veio de es-peculação acadêmica, capaz portanto de gerar ganhos materiais e de prestígio para uma hoje hegemônica categoria de intelectuais des-compromissados, alienados, que têm encontrado na ecologia neoli-beral ambiente fértil para procriação. Conferências, ensaios, teses, pa-pers das mais variadas cores e formatos – mas sempre muitíssimo bem comportados e talhados conforme as mais requintadas exigências da

tal “vocação para a ciência” inventada por Weber – são produzidos aos milhares sem que nenhum deles se preocupe com a busca das causas mais profundas e de, mesmo que gerais, caminhos de supera o dos problemas reais, concretos, para os quais o fen meno identificado remete. Aliás, como ensina o fundamento de método estruturante da gnoseologia da teoria crítica, o processo de produ o do conhecimento de dada realidade exige a presença de uma postura investigativa mudancista na própria constru o do conhecimento. Daí, o direito de se supor ainda incompleto o conhecimento da concreticidade atual daquilo que temos chamado de espetaculariza o da vida.   certo que a primeira gera o da Escola de Frankfurt formulou o conhecimento da questão em seus contornos mais gerais e nos primeiros sinais de sua emergência. Hoje, estamos diante de fato consumado, maturado.

  preciso, portanto, que se digam as coisas com todas as letras, mesmo que isso pareça “vulgar”, como assinala com rara precisão Alijaz Ahmad:

“Essas acusa es (de vulgaridade) estão disponíveis para qualquer um que faça uma conexão direta e consistente entre cultura e classe; entre opressão social e explora o econ mica; entre trabalho cultural na institui o acadêmica e responsabilidade política fora da institui o; entre uma crítica da cultura capitalista e o compromisso com a transforma o socialista no sentido de uma política revolucionária das classes operárias.” (Ahmad, 2002: 219)

Que se diga, então, que o processo de espetaculariza o que banaliza, esvazia e torna fútil o ato de existir não se deve a nebulosos motivos de ordem esotérica ou, o que acaba dando no mesmo,   alegada “inviabilidade do ser humano” de que falam, com estas ou outras palavras, os filósofos e literatos de botequim, os Nelsons Rodrigues da vida, sempre embriagados do senso comum da cultura afirmativa burguesa. Que se diga, então, que o processo de esvaziamento da humaniza o dos homens, que hoje vítima a maioria dos habitantes do globo, tem pai, mãe e carteira de identidade e atende pelo nome de capitalismo. Que se diga, então, que a neutraliza o e extirpa o de tal processo mórbido, no horizonte de uma materialidade histórica por si excludente de exercícios místico-especulativos, também tem um nome: socialismo.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GABLER, Neal. *Vida, o filme*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AHMAD, Alijaz. *Linhas do Presente*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

